

ISOTIMIA E ASSINALAÇÃO: CASTELO BRANCO NA LITERATURA DE FOLHETOS*

Marinalva Vilar de Lima**

Paula Cristiane de Lyra Santos***

Resumo

O texto trata da morte de Castelo Branco sob o ponto de vista dos poetas populares. Em uma lista de pelo menos 10 folhetos disponíveis, nós analisamos, principalmente, dois deles, de autoria de Francisco Soares e Expedito Sebastião da Silva. Ao avaliar as obras destes autores, discutimos a morte de Castelo Branco e o golpe de 1964. Apresentamos uma análise que toma os folhetos como veículo de divulgação e os poetas enquanto indivíduos que constroem suas obras na relação com a comunidade potencialmente consumidora. A morte de Castelo Branco é um episódio que nos permite (re)visitar o regime militar iniciado em 1964, tendo no autoritarismo uma das “chaves” para sua compreensão.

Palavras-chave

Literatura de cordel; ditadura militar; morte; política; Castelo Branco.

Abstract

This text concerns about Castelo Branco's death on the viewpoint of popular poets. Among at least 10 texts available in the popular literature we mainly focused our attention on two texts written by José Francisco Soares and Expedito Sebastião da Silva. By analyzing these authors we discuss the Castelo Branco's death and the understanding about the Brazilian dictatorship started in 1964 on the point of view of the popular poets. The popular texts are means of communication between popular poets and the community. The Castelo Branco's death is an episode that allows us to revisit the Brazilian dictatorship started in 1964, where the authoritarianism is the key for its understandig.

Key-words

Popular literature; military dictatorship; death; politics; Castelo Branco.

No dia 18 de julho
o mundo empalideceu
chorou todo vaquemestre
o Oceano gemeu
quando vagou a notícia
CASTELO BRANCO, morreu.

Amanheceu o dia nublado
pescador não foi nos mares
uma ave de Rapina
não piava nos pomares
uma Coruja agoureira
rasgou mortalha nos ares.

As nove horas do dia
o mundo ficou cinzento
as nuvens paralizaram
agitou-se o firmamento
como que renunciando
um grande acontecimento.

(...)

Nove horas, o presidente
voltava de Quixadá
foi visitar uma amiga
daquelas bandas de lá
e voltava prá Fortaleza
capital do Ceará.

(...)

Um jacto das forças armadas
avião muito potente
chocou-se com o teco-teco
que levava o presidente
e nesse choque CASTELO
morreu instantaneamente.

As emissoras de rádio
entraram logo em ação
cada qual que desejava
notícia em primeira mão
saber Tim-tim por Tim-tim
como foi o triste fim
do ex-chefe da nação.

CASTELO BRANCO é um nome
que tem luz e tem calor
é o céu da pátria brilhando
astro de grande esplendor
tinha bom coração
que toda população
tinha lhe respeito e amor.

Nunca um homem de governo
deixou longe a capital
para visitar as cidades
entrando no matagal
esse grande presidente
fez com isso um precedente
num gesto firme e leal.¹

Nas estrofes acima, recortadas do “folheto epitáfio” que José Francisco Soares² dedicou a Castelo Branco, encontra-se apresentado o infortúnio de que foi vítima o mundo ante o acontecimento sucedido à pessoa do ex-presidente.

A estratégia narrativa de estabelecer reações para a natureza procura incutir um maior grau de materialidade ao fato; dialoga com o leitor, também sujeito a ser atingido pela notícia; constrói um ambiente de sentimentalidade experienciada tanto pelos seres animados quanto pelos inanimados. Serve de presságio da tragédia, procurando conduzir o leitor a um lugar de sentimentalidade solidária que vem a aproximá-lo do morto. Castelo Branco, como todos os homens, encontra-se atingido em sua fraqueza: a mortalidade, aspecto a que o poeta recorre para estabelecer uma certa *isotimia*³ diante da morte.

Em outro estudo sobre a forma como a morte, os mortos e o morrer eram representados pelos poetas populares⁴, foi possível visualizar aspectos aproximativos entre as narrativas dedicadas aos mais distintos personagens.

A idéia de uma natureza a sinalizar o acontecimento funéreo perpassa toda a produção de folhetos que tematizam a morte, aqui sintetizada através da denominação “folhetos epitáfios”. Percebemos na metamorfose da natureza um dos elementos a que os poetas recorrem para construir o ambiente da morte, sendo este um dos aspectos a aproximar os “folhetos epitáfios”. Diante de sua morte, os indivíduos pranteados pelos poetas têm na ambientação funesta um dado de isonomia. A idéia pontua as narrativas dos mais distintos protagonistas, independentemente do lugar ocupado na sociedade dos vivos. A natureza anuncia e se enluta pela morte do político, do santo, do homem comum, do cangaceiro, do poeta, dos amantes, dos mortos de maneira geral, que são aproximados em sua mortalidade – estratégia que não retira do poeta a possibilidade de estabelecer a identificação do falecido.

O folheto citado, epitáfio versificado do ex-presidente Castelo Branco, segue uma lógica que, por um lado, apresenta-se em consonância com as narrativas estabelecidas aos mortos no universo da literatura de folhetos, de maneira geral; por outro, enfatiza o lugar ocupado pelo morto enquanto vivo, assinalando-o no falecimento. Desta forma, o poeta estabelece um roteiro que pode ser pensado enquanto constituído de duas partes: uma em que são destacados aspectos que dizem respeito à realidade do indivíduo na morte, apenas enquanto morto, sendo esta a parte em que o poeta apresenta o fato de forma dramática; estabelece a metamorfose da natureza enquanto reação funesta que antecede e caminha paralela ao acontecimento, promove a purificação do falecido, visto que “o morto, nas representações do ‘homo religiosus’, atinge uma dimensão superior em relação àquela em que habitam os vivos. A morte santifica”.⁵ No outro momento, são apresentados aspectos distintivos do morto, não associáveis aos finados de maneira geral, mas àqueles assinalados, em que o poeta constrói o choque e a comoção geral quando a notícia é divulgada pelos meios de comunicação (neste caso específico, o poeta diz ter sido o rádio o veículo propulsor), estabelece as qualidades abonadoras da personagem homenageada, rememora os feitos identificadores do pranteado.

Diferentemente da lógica estabelecida por José Francisco Soares, Expedito Sebastião da Silva⁶, em seu folheto *A lamentável morte do ex-presidente Humberto Castelo Branco*,⁷ constrói uma narrativa em que é o elemento de assinalação do homem público que lhe interessa apresentar, estando no fato de se tratar de um ex-presidente da nação o “pesar sentimental” com que constrói seu “folheto epitáfio”. A Expedito Sebastião interessa prantejar o morto, sendo o lugar ocupado por ele na comunidade dos vivos que movimenta as estrofes de seu folheto. Dessa forma, o esquema narrativo segue a seguinte lógica: inicia noticiando o fato, passa a falar dos feitos e ações do homem público, retorna para descrever como se deu a morte, apresenta o sentimentalismo da população brasileira, que lastima a perda de um “vulto” nacional. Visualizemos algumas estrofes que possibilitam uma melhor percepção do esquema estabelecido no folheto:

Um pesar sentimental
dentro do meu peito tranco
o qual impede os meus lábios
de brotar um riso franco
devido a morte recente
de nosso ex-presidente
Humberto Castelo Branco.
(...)

Então no dia 18
de julho, ele chegou
no aeroporto do Rio
e um avião tomou
sem esperar embarço
pela via do espaço
para o Ceará rumou.
(...)
O avião que trazia
o nosso ex-presidente
numa asa do a jato
colidiu sinistramente
logo após a colisão
sem meio de salvação
foi ao solo de repente.
(...)
Logo que a triste notícia
vagou por todos os lados
todos quartéis do exército
de pesar foram enlutados
e com a maior tristeza
se juntou em Fortaleza
governos de sete estados.⁸

Tão logo a notícia se espalha, o pesar a acompanha. Todavia, Expedito Sebastião ressalta, dentre os brasileiros a se enlutarem, o pesar dos militares e dos representantes políticos. Os emblemas de identificação do morto são a ele associados.

Os dois “folhetos epitáfios” nos colocam diante de uma série de idéias que fizeram parte do contexto de implementação do regime militar no Brasil. No folheto de José Francisco Soares, estabelecida a condição *isotímica* do morto, o poeta passa a recuperar episódios da cena política nacional, construindo uma narrativa praticamente descolada da parte a que demos destaque inicialmente. Retroage ao período de fim de governo Jango, apontando a época como “mergulhada em confusão”, estando a nação à mercê do retalhamento provocado pela política. Idéia também compartilhada por Expedito Sebastião, que vê o momento enquanto “marchando para o abismo”, e a “pátria” imersa em um “imundo lodaçal”. Então, vejamos:

Quando há 3 anos atrás
que se encontrava a nação
retalhada na política
mergulhada em confusão
dissolveu o Parlamento
que era um moinho de vento
girando mais sempre em vão.⁹

Pois o Brasil se achava
marchando para o abismo
Castelo Branco notando
a onda do barbarismo
bem calmo e com sensatez
se opôs com rapidez
na marcha do comunismo.¹⁰

E governou a nação
conforme o seu ideal
retirando a nossa pátria
do imundo lodaçal.¹¹
(...)

Percepções da realidade imediatamente anterior ao início da militarização da sociedade brasileira que estiveram na pauta, por exemplo, do jornal *O Estado de S. Paulo*, conforme análise feita por Pereira Neto:

Para *O Estado de S. Paulo*, o país vivia um momento de “apreensão e preocupação pelo que pode acontecer, uma vez que tudo na atitude do Presidente da República fere a Constituição” [*O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 1964, p. 3]. O título do editorial do dia 13 é significativo neste sentido: “O presidente fora da lei”. Assim, o princípio liberal da lei, como um limite a qualquer tipo de despotismo, foi resgatado, neste primeiro momento. Para transformar o contexto ainda mais passível de apreensões e preocupações por parte do cidadão comum, o jornal estabeleceu várias estratégias de desmoralização do Presidente Goulart. Por vezes, ele era associado a Vargas, chegando a ser considerado “discípulo dileto do ditador morto” [*O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 1964, p. 3]. Outras vezes, o Presidente era considerado alguém que “funciona como instrumento das forças ao serviço da subversão” [*O Estado de S. Paulo*, 10 mar. 1964, p. 3] ou ainda que “inspirava confiança para execução do vasto programa das esquerdas no Brasil” [*O Estado de S. Paulo*, 17 mar. 1964, p. 3]. *O Estado de S. Paulo* exerceu, portanto, um papel relevante na construção de uma imagem negativa do ex-presidente. O antivarguismo e o anticomunismo que foram amálgamas do pensamento liberal dos anos 60 aparecem aqui de forma explícita.¹²

Esta visão de Jango enquanto emblema de subversão e de possível veículo a serviço da esquerda, explicitada tanto no *Estadão* quanto nos folhetos analisados, demarca um discurso sobre o fim do governo que vem justificar o golpe de 1964, sendo este legitimado como ato que restabeleceria a ordem, garantiria a segurança nacional.

As idéias que pautaram a ação dos militares em 1964 e a partir daí, do ponto de vista da segurança nacional, ficaram conhecidas como Doutrina de Segurança Nacional (DSN), subsidiadas, principalmente, pela idéia de que, no Brasil, estar-se-ia vivendo um estado de “guerra permanente”, a guerra total. Esta “guerra de todos contra todos” justificava a necessidade de um Estado forte e a centralização do poder político nas mãos das Forças Armadas e de sua “principal” arma: o Exército. Este garantiria a soberania nacional ameaçada pelo comunismo internacional, considerando-se o fato de que, em nível mundial, vivia-se o contexto da “guerra fria”.¹³

Ao pensarmos sobre os acontecimentos que levaram à deposição do presidente João Goulart e à instalação, em seu lugar, de um regime ditatorial no Brasil, é possível seguir vários caminhos, visto ter sido este tema merecedor de muitas discussões na produção sobre o país, a partir de meados dos anos 60, em âmbito nacional e internacional. Universo de análises que apresenta como lugar-comum, reiteradamente visitado, a idéia de que os atores que organizaram ou que apoiaram o golpe militar de 31 de março de 1964 percebiam o governo de João Goulart como condutor do país a uma revolução comunista.

A idéia da nação vivendo sob constante ameaça, advinda do terror comunista, e da necessidade de proteger o país de sua influência nefasta possibilita a José Francisco Soares e Expedito Sebastião da Silva uma narrativa em que atribuem ao governo militar, personificado na figura de Castelo Branco, um papel salvacionista. Neste sentido, a ascensão de Castelo Branco à presidência da República, em 15 de abril de 1964, vem representar um marco no combate ao comunismo e à subversão.

Nas palavras de J. F. Soares:

No ano 64
ano da Revolução
ele salvou o Brasil
da guerra da corrupção
sob sua diretriz
ele salvou o paiz
da negra subversão.

Salvou todo brasileiro
do maldito Comunismo
mobilizou as 3 armas

mostrou que tinha invismo
o operário almocreve
não tem direito de greve
acabou-se o corrutismo.

Quando foi chefe de Estado
honrou a nossa Bandeira
sempre honrou a sua pátria
do berço até a fronteira
com calma, geito e prudencia
governou com sapiencia
nossa nação brasileira.¹⁴

Para Soares, foi a partir do espírito de “patriotismo” e de “civismo” que Castelo Branco procurou desenvolver seus atos governamentais, tendo como norteamento maior os ideais democráticos.

Aproximado das idéias apresentadas por Soares no que tange à identificação do inimigo maior a que o ex-presidente combateu, o “comunismo”, mas concedendo a Castelo Branco um caráter messiânico, Expedito Sebastião verseja:

Esse vulto inesquecível
filho da Terra da luz
antes de ser presidente
com o poder de Jesus
enfrentou um grande abismo
derrubando o comunismo
da Terra de Santa Cruz.¹⁵

Está na defesa da pátria – “com o poder de Jesus” – a justificativa maior dos atos de Castelo. Os poetas consideram-no, portanto, um presidente que “governou com sapiência”, “dentro da democracia”, que “defendia a bandeira”,¹⁶ “foi um batalhador forte”, era “capaz e perito”, levado ao “agir enérgico”.¹⁷ Donde suas ações de homem público, mesmo quando geradoras de oposição e conflitos, são associadas ao bem-estar da nação.

Universo de compreensão que estabelece forte eco com o tipo de liberalismo que se consubstanciou no Brasil, conforme afirma Pereira Neto: “Ser conservador, elitista e autoritário traduz uma peculiaridade do liberalismo brasileiro (...). Rejeitar, transigir com os princípios liberais clássicos parece ser uma característica marcante do pensamento liberal brasileiro”.¹⁸

Neste sentido, os poetas justificam os atos autoritários do presidente como promotores de bem comum à nação brasileira.

Então pra poder botar
o Brasil no eixo exato
teve que agir enérgico
sem temer falso e boato
pois só com diplomacia
o Brasil permanecia
dormindo no desacato.¹⁹
(...)
foi ele a pedra de toque
de Salvação do Brasil.²⁰

Proclamou as nove leis
que melhorou o paiz
todo mundo confiava
naquele Reto Juiz
em sua jurisprudência
governou com sapiência
pra ver seu povo feliz.²¹

Compreensão que, se considerarmos algumas das análises feitas do período, que indicam o tipo específico de liberalismo que se consubstanciou no Brasil como principal argumento justificador, possibilitam uma interpretação dos acontecimentos de 1964 enquanto experiência histórica perfeitamente plausível com a correlação de forças no ambiente político brasileiro dos anos 60.

Neste sentido, os poetas nos colocam diante de uma contradição imanente aos discursos legitimadores do golpe de 64 e que fundamenta a DSN: os desvios dos interesses nacionais associados ao fim do governo Jango são demonstrados a partir da alegação de que o presidente agia na ilegalidade, afastando-se dos anseios da nação; os Atos Institucionais inaugurados pelo governo militar que, mais e mais, vão cercear a participação da sociedade civil são compreendidos e justificados como necessários para a restauração da ordem e do bem público.

O cumprimento da lei foi um dos argumentos utilizados pelos “revolucionários” de 1964 para justificar o golpe – mesmo que os Atos Institucionais tenham apresentado uma realidade em que a lei fosse empregada de acordo com o interesse dos militares no poder, João Goulart é que desrespeitava as leis e afrontava a hierarquia militar.

Os artífices locais da elaboração da DSN estavam preocupados em fundamentar, legitimar e justificar a implantação de um governo forte e centralizado que destruiu e controlou fortemente as instituições. O Poder Legislativo e o Judiciário passaram a ser ordenados a partir dos interesses de quem controlava o Poder Executivo.

No caso do Brasil pós-64, ficou patente que, apesar da permanência do Parlamento como instituição, este teve sua autonomia cerceada, já que, segundo Adam Przeworski:²²

(...) o aparato do poder autoritário tem a capacidade de impedir a ocorrência de certos resultados políticos através do exercício do controle sobre a sociedade não apenas *ex-ante*, mas também *ex-post* (...). Em outros termos, num sistema autoritário, o aparato de poder exerce não só controle processual, mas também controle substantivo sobre as decisões.²³

O Estado define, assim, as tarefas das quais os cidadãos são convocados a participar. Existe participação nas tarefas, e não decisão sobre elas.²⁴ Qualquer decisão ou conquista do Legislativo, tenha ela o caráter que seja, poderá ser revogada, desde que os militares a considerem contrária aos interesses da “segurança nacional”.

Para Joseph Comblin,²⁵ existe uma idéia básica na DSN, que é a da “guerra total”. Três conceitos militares e políticos participariam na elaboração desta idéia: a) a “guerra generalizada”; b) a “guerra fria”; c) a “guerra revolucionária”.

A “guerra generalizada” seria o conflito armado que se daria entre as grandes potências (Estados Unidos e União Soviética), cujos recursos totais seriam colocados em ação e a sobrevivência de uma seria sempre um perigo para a outra.²⁶

A “guerra fria” seria a tática da União Soviética para evitar o enfrentamento definitivo e armado com os Estados Unidos. Era de caráter permanente e se daria em diversos campos: o militar, o econômico, o político e o psicológico. A partir desta visão, “cada vez que o *status quo* fosse questionado, em qualquer parte do mundo, cada vez que surgisse um governo desfavorável aos Estados Unidos, ou suscetível de tornar-se desfavorável, seria necessário ver nisso o espectro da guerra fria: a presença do dedo de Moscou”.²⁷

Já a “guerra revolucionária” seria uma estratégia do comunismo internacional para conquistar o mundo. Como diz Pinochet, citado por Comblin:

Essa forma moderna de agressão permanente provoca uma guerra não convencional, na qual a invasão territorial é substituída pela tentativa de controle dos Estados a partir do interior. Este imperialismo utiliza-se das táticas. Por um lado, infiltra-se nas células vitais das sociedades livres, como os centros universitários e intelectuais, os meios de comunicação social, os sindicatos operários, os órgãos internacionais, e, como já vimos, os próprios setores eclesásticos. Por outro lado, fomenta a desordem sob todas as formas.²⁸

Dessa forma, a DSN, ao trabalhar com a idéia da guerra total e de suas complementares, apresenta a sociedade em estado de *anomia*, que justificaria a intervenção militar e a necessidade de sua permanência pelo tempo necessário para que os “problemas” advindos da guerra total pudessem ser enfrentados e debelados.

Vale destacar que a DSN foi elaborada pelos militares norte-americanos. Seus congêneres latino-americanos, porém, não foram receptores passivos e não estiveram sozinhos na hora de implantar os Estados autoritários. Vários foram os setores da sociedade brasileira que contribuíram para sua implementação. Parte da burguesia nacional, setores da Igreja, proprietários rurais, intelectuais, políticos profissionais e outros estiveram do lado do golpe militar (apesar de, com as primeiras medidas e as subseqüentes, os militares perderem alguns desses apoios, principalmente diante da violência e da tortura que se institucionalizou). Porém, a influência norte-americana na instalação das ditaduras militares não pode ser negada. Segundo Comblin: “Em fins de 1975, segundo as estatísticas do Departamento de Defesa, 71.651 militares latino-americanos haviam passado por uma das escolas de formação de militares nos Estados Unidos”.²⁹

O golpe de 1964, aqui acessado a partir dos “folhetos epitáfios” de José Francisco Soares e Expedito Sebastião da Silva, pode ser pensado, também, como uma experiência histórica autoritária que contou com a participação fundamental dos veículos de comunicação na construção da idéia de caos. O medo da desordem e de uma interferência norte-americana, potencialmente apresentada, avalizou o golpe e promoveu a ditadura militar no Brasil, visto que esta resultou da união dos mais diversos setores da sociedade brasileira.

Acerca da idéia de legitimidade do exercício do poder, Hobbes considera a existência de duas formas patentes:

Uma delas é a força natural, quando o homem obriga seus filhos a submeterem-se, e a submeterem seus próprios filhos, a sua autoridade à medida que é capaz de destruí-los em caso de recusa. Ou quando o homem sujeita através da guerra seu inimigo a sua vontade, concedendo-lhe a vida com essa condição. A outra é quando os homens concordam entre si em submeterem-se a um homem, ou a uma assembléia de homens, voluntariamente com a esperança de serem protegidos por ele contra todos os outros. Este último pode se chamar um Estado Político, ou um Estado por Instituição. Ao primeiro pode-se chamar a um Estado por Aquisição...³⁰

Fazendo uso da leitura de Hobbes para estabelecer uma compreensão sobre a tomada do poder pelos militares no Brasil, em 1964, podemos pensar esta experiência específica como pautada em um pacto aceito pelo medo. No entanto, voltando a Hobbes, todo pacto que se estabelece a partir da união entre forças diversas, realizado em situação de desordem total, há de conviver com a desconfiança de todos em relação a todos. Dessa forma,

(...) quando se faz um pacto em que ninguém cumpre imediatamente sua parte, e uns confiam nos outros, na condição de simples natureza (que é a condição de guerra de todos os homens contra todos os homens), a menor suspeita razoável torna nulo esse pacto. Mas se houver um

poder comum situado acima dos contratantes, com direito e forças suficientes para impor seu cumprimento, ele não é nulo. Pois aquele que cumpre primeiro não tem nenhuma garantia que o outro cumprirá depois, pois os vínculos das palavras são demasiados fracos para refrear a ambição, a avareza, a cólera e outras paixões dos homens, se não houver o medo de algum poder coercitivo.³¹

Diante do caos, mais suposto que real – que parecia se corporificar em fatos como a participação de João Goulart no comício da Central do Brasil³² ou na reunião dos sargentos,³³ nas propostas de reforma de base e nas palavras do presidente aos militares de patente inferior, além da insistente idéia veiculada pela imprensa de que o governo de Goulart estaria agindo fora da lei (leia-se: fora da ordem) –, dá-se a intervenção militar, apoiada por amplos setores da sociedade, conforme evidenciado anteriormente, e com a anuência dos Estados Unidos (Operação *Brother Sam*).³⁴ O golpe entra para a história, do ponto de vista dos militares golpistas e de parcelas da população (das quais fazem parte claramente os cordelistas), como uma intervenção necessária e saneadora. Quando o medo do poder coercitivo não é suficiente para garantir a ordem das coisas, é legítimo que este poder seja exercido através da força. Sobre a forma como Castelo vai combater o comunismo, afirma Expedito Sebastião:

Êle sem derramar sangue
com um sistema sutil
no momento mais preciso
se apresentou varonil
deixando, sem fazer guerra
o comunismo por terra
ficando em paz o Brasil.³⁵

Para alguns, a intervenção militar era também vista como ação temporária, ou seja, uma ação de intervir, extirpar o comunismo e devolver a direção do Estado aos civis. Concepção apresentada como tendo sido veiculada pelo próprio Castelo Branco, que considerava sua estada na presidência um acontecimento que objetivava resolver as questões que colocavam em risco a sociedade brasileira, alinhando-a ao bloco comunista. Vale ressaltar que os analistas, quando falam dos militares em si, neste processo, apresentam-nos integrando dois grupos: os “castelistas” ou “moderados” e os “linha-dura”.³⁶ Os militares do primeiro grupo é que teriam a compreensão de um governo temporário, com previsão de curta ocupação da presidência – o suficiente para garantir o restabelecimento da “ordem” – e, então, devolver a nação ao poder civil.

Outra questão interessante apresentada nos cordéis é a idéia de que:

Dentro da democracia
provou com todo civismo
que defendia a Bandeira
com fé e patriotismo
pioneiro Democrata
a sua idéia sensata
não apoiava o racismo.³⁷

Ou seja, merece destaque a característica de democrata atribuída pelo poeta a Castelo Branco, o principal líder do movimento que tirou do poder João Goulart em 1964. Idéia que pode causar uma certa estranheza se, ao lidarmos com este conceito, o compreendermos como um regime político que inclui a mais ampla parcela da população na participação política. Porém, se virmos a democracia como uma forma de governo restrita, como a percebe a elite conservadora brasileira, podemos entender perfeitamente o que pensavam os articulistas do golpe e os seus partidários, bem como a veiculação da idéia pelo poeta citado.

O jornal *O Estado de S. Paulo* do dia 19 de abril de 1964 diz: “que o Presidente Castelo Branco (...) não perca de vista que a segurança e o futuro de nossas instituições democráticas estão menos na *legalidade formal* [grifo nosso] que imediatamente lhes dermos do que na decisão e na energia com que a protegermos agora”.³⁸

A idéia de democracia apresentada por Adam Przeworski³⁹ – para ser democrático, deve-se amar a incerteza – passa longe da concepção de boa parte da elite de então. Para nossos militares golpistas e seus colaboradores civis, a democracia passava pela certeza de que os setores que estavam colocando em risco os seus interesses seriam silenciados.

As análises do golpe de 64 o constroem como um rompimento radical com a política anteriormente vivenciada no Brasil, o fim do populismo e o início do autoritarismo. Ruptura que os poetas traduzem como saída de um período de falta de controle da sociedade – que estava prestes a ser comandada pelo “anticristo”, na medida em que o “comunismo” campeava sem combate. Portanto, a ruptura dos poetas se dá entre a *anomia* política e a implantação da democracia. Neste processo, Castelo Branco foi visto, no primeiro caso, como o articulador do golpe e, no segundo, como o responsável pela implantação da democracia no Brasil, ou o salvador da nação das “garras do anticristo”.

Prantear a morte de Castelo Branco possibilita aos poetas, dentre outras coisas, rememorar a salvação do Brasil e dos brasileiros do “terror comunista”. Choro este que, em se tratando de um homem público que tonificou o quadro da política nacional dos anos pós-1964, é apresentado como fato que atinge os lares dos brasileiros.

Sua morte promove reações de abrangência. O ex-presidente, garantidor da democracia, encontra-se, em sua morte, aproximado de tantos outros políticos que se projetaram nacional e internacionalmente. O lamento é extensivo a todo o povo brasileiro, como explicitado no versejar de J. F. Soares:

Tinha 80 mil pessoas
no seu enterro tão belo
em cima do seu caixão
um pavilhão verde e amarelo
o povo na trajetória
cantava o hino da glória
em homenagem a Castelo.

Houve grande exaltação
do povo de Pernambuco
parou as atividades
chorou criança e caduco
o chefe do Estado Novo
foi o salvador do povo
da terra de JOAQUIM NABUCO.

O Rio Grande do Norte
Alagoas e Ceará
Piauí e Paraíba
Maranhão e Paraná
chorou todo brasileiro
afinal no mundo inteiro
do Amazonas ao Pará.

No Rio Grande do Sul
Vitória e Rio de Janeiro
Minas Gerais e São Paulo
Bahia e o mundo inteiro
Goiás ficou indeciso
foi um dia de juízo
para o povo Brasileiro.⁴⁰

Independentemente da posição política e dos atos realizados, o fato de terem sido atores de destaque gera a *isotimia* entre os políticos. Estes vão para o céu. Todavia, o céu subjacente às narrativas sobre a morte ou pós-morte dos homens públicos de maior destaque da cena política nacional é apresentado como um ambiente tranquilo, em que as articulações e acordos se mantêm. Os que lá chegam são recebidos, com grande simpatia, por seus parceiros de lida semelhante ou com eles se encontram casualmente.

Nessa perspectiva, Apolônio Alves dos Santos,⁴¹ através da criação de um encontro entre Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas, tendo como mote narrativo a morte do líder desenvolvimentista, traduz esta compreensão:

Em poucos dias que ele
estava na eternidade
uma tarde passeando
cheio de tranqüilidade
em uma das ruas largas
encontrou Getúlio Vargas
foi grande a festividade.

Juscelino sem demora
deu-lhe um abraço apertado
disse meu caro Getúlio!
Que prazer inesperado?
Pensei de não te ver mais
isto a mim satisfaz
Estou emocionado!

Getúlio muito educado
abraçou ele também
dizendo meu Juscelino
do lugar que você vem
todo mundo te admira
pois no mundo ninguém tira
o valor que você tem.⁴²

Amizade de que José Francisco Soares⁴³ faz uso para que Juscelino Kubitschek seja aceito no céu, explicitando uma compreensão do momento de pós-morte em que a lógica dos laços de dependência, estabelecida na terra, também define a entrada, ou não, do indivíduo na mansão celeste.

JK disse São Pedro
eu sou uma autoridade
vim atender um chamado
da divina magestade
foi ele que me chamou
eu tenho prioridade.

São Pedro disse zangado
tenho que resolver isto
não sei se você veio
mandado pelo Anti-Cristo
fique aí que eu vou chamar
o secretário de Cristo.

Quando São Pedro voltou
de raiva estava tremendo
junto com Getúlio Vargas
vinham se desentendendo
olhou JK e disse
eu estou lhe conhecendo.

Se o espírito não me engana
o senhor é JK
Deu-lhe um abraço tão grande
que vi a hora quebrar
e perguntou como vão
aquela gente de lá?⁴⁴

Nesta relação que o poeta estabelece entre Getúlio Vargas e São Pedro há a explicitação da intimidade promovida pela convivência. O motivo que os teria levado a se desentenderem é obscuro, mas, através da colocação da situação, José Soares parece querer demonstrar a posição de superioridade em que se encontraria Getúlio, então secretário de Cristo, em relação a São Pedro – na tradição cristã, porteiro do céu.

É em um céu em que o ser conhecido de alguém importante serve de garantia de confiabilidade diante dos poderes instituídos que o leitor é levado a aportar por José F. Soares. Dimensão celestial que reflete as relações sociais instituídas na sociedade brasileira desde a colonização. Estrutura social bastante visualizada nas análises políticas, sociológicas e históricas que procuraram aprofundar uma compreensão da sociedade brasileira.

Procuramos, aqui, apresentar a idéia de forma sintética, apenas para melhor visualizar o pano de fundo construído pelos folhetos para versarem sobre a morte dos políticos. Nesta perspectiva, apresentamos alguns comentários de Ângela de Castro Gomes que consideramos sintetizadores da questão: “Sem dúvida, continua tendo curso o diagnóstico, há muito compartilhado, de que ‘sobra poder privado e falta poder público’ no Brasil, uma sociedade dominada por arranjos clientelistas e personalistas que datariam do ‘período colonial’”.⁴⁵

A forma como José F. Soares articula o encontro entre JK e Getúlio Vargas resulta na construção de um espaço, aos mortos destinado, que repete a complexa experiência socio-

política no Brasil: uma sociedade de base tradicional, em que as oligarquias rurais exercem forte controle, em coexistência com a experiência de fortalecimento do Estado, posta em prática na era Vargas.

Os folhetos⁴⁶ que têm como preocupação descrever o desfecho final da existência de personagens da cena política nacional partem, em sua maioria, da premissa da certeza de sua elevação ao céu.⁴⁷ A consulta ao *Dicionário biobibliográfico de poetas populares*⁴⁸ e a pesquisa nos acervos de folhetos⁴⁹ nos apresentou uma lista em que sobressaíam os nomes de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Tancredo Neves, João Pessoa, Castelo Branco e Costa e Silva, cujas mortes mais de um folheto tomou como temática central.

Podemos perceber que os poetas, a partir da idéia de narrar a forma e as circunstâncias em que se deu a morte do personagem político, de maneira geral, recordam a carreira e os feitos de maior relevância a eles associados. Neste sentido, Castelo Branco garantiu o seu espaço no céu, junto aos outros políticos que já tinham ido antes dele, conforme verseja Expedito Sebastião da Silva:

Morrera Castelo Branco
porém ficou na história
o seu nome imperecível
ficará como memória
então cercado de luz
fôra viver com Jesus
eternamente na glória.⁵⁰

A continuidade dos laços, das estruturas e das relações de poder no além-morte, apresentada nos cordéis, pode nos remeter à compreensão generalizada, na sociedade brasileira, de que a participação na política iguala seus atores. Esta idéia transcende a existência corpórea, alcançando o campo do pós-morte.

Recebido em agosto/2004; aprovado em setembro/2004

POETAS E OBRAS QUE HOMENAGEARAM PERSONAGENS DA POLÍTICA NACIONAL⁵¹ – “FOLHETOS EPITÁFIOS”

GETÚLIO VARGAS

POETAS	OBRAS
1. Amador Santelmo	1. Carta e biografia do ex-presidente Vargas
2. Amaro Quaresma dos Santos	1. A pranteada morte do presidente Getúlio Vargas
3. Antônio Eugênio da Silva	1. História completa do suicídio de nosso inesquecível presidente Vargas
4. Antônio Manoel da Silva	1. A morte do presidente Getúlio Vargas
5. Antônio Teodoro dos Santos	1. Vida e tragédia do presidente Getúlio Vargas 2. Vida, tragédia e morte do presidente Getúlio Vargas
6. Apolônio Alves dos Santos	1. Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu 2. Os últimos dias de Getúlio
7. Caetano Ferreira	1. A pranteada morte do Dr. Getúlio Vargas
8. Cícero Vieira da Silva	1. Saudades do presidente Vargas
9. Delarme Monteiro da Silva	1. A morte do presidente Getúlio Vargas e sua carta ao povo brasileiro 2. A morte do presidente Getúlio Vargas 3. Getúlio Vargas, o orgulho do Brasil 4. A morte e os funerais do presidente Getúlio Vargas
10. Divaldo Gomes Ribeiro	1. Assim falou Getúlio
11. Dois amigos	1. A lamentável morte do presidente Getúlio Vargas
12. Expedito Sebastião da Silva	1. A carta do Dr. Getúlio Vargas 2. A morte do Dr. Getúlio Vargas
13. Francisco Antônio de Oliveira	1. Despedida e morte do presidente Getúlio
14. Francisco das Chagas Ramalho	1. A vida e a morte do presidente Getúlio Vargas
15. Francisco Sales Arede	1. A lamentável morte do presidente Getúlio Vargas 2. A lamentável morte do presidente Getúlio Vargas
16. Fred Jorge Japur	1. Tragédia do presidente Vargas
17. Gonçalves de Lima Santos	1. Homenagem póstuma a sua Exa. Dr. Getúlio Dorneles Vargas

POETAS	OBRAS
17. Gonçalves de Lima Santos	1. Homenagem póstuma a sua Exa. Dr. Getúlio Dorneles Vargas
18. Jayme Romeu Fossati	1. A vida e a morte do presidente Vargas em décimas
19. João Antônio de Sena	1. O Brasil de luto com a morte do Dr. Getúlio Vargas e o pranto dos operários do Brasil
20. João Ferreira de Lima	1. A morte de Getúlio Vargas
21. João Norberto & Manoel Apolinário Pereira	1. A morte de Getúlio
22. João Oliveira Lima	1. O suicídio do Dr. Getúlio Vargas e lamentação do povo
23. João Severo de Lima	1. A morte de Getúlio Dornelles Vargas
24. José Alves de Mendonça	1. Homenagem póstuma ao presidente Getúlio Vargas
25. José de Santa Rita Pinheiro Nogueira	1. A carta do saudoso imortal Getúlio Vargas
26. José Estácio Monteiro	1. A nação em luto com a morte de Getúlio Vargas
27. José Francisco Soares	1. O encontro de JK com Getúlio Vargas no céu 2. A morte de Getúlio Vargas
28. José Gomes	1. A chegada de Getúlio no céu 2. Deus no céu e Getúlio na terra 3. O que dizem de Getúlio 4. O regresso de Getúlio 5. O testamento de Getúlio
29. José João dos Santos	1. Nascimento, vida e morte de Getúlio Vargas
30. José Luiz Filho	1. A lamentável morte do presidente Getúlio Vargas
31. José Martins dos Santos	1. A lamentável morte do presidente Getúlio Vargas
32. José Rodrigues da Silva	1. Vida e morte do presidente Vargas
33. Laurindo Gomes Maciel	1. Recordações e saudades do governo de Getúlio Vargas
34. Manoel d'Almeida Filho	1. A morte do maior presidente do Brasil, Dr. Getúlio Dornelles Vargas
35. Manoel Monteiro da Silva	1. A morte do presidente Getúlio Vargas
36. Manoel Pereira Sobrinho	1. O suicídio do presidente Getúlio Vargas

POETAS	OBRAS
37. Manoel Serafim Ventura	1. A morte do presidente Getúlio Vargas e o clamor do povo brasileiro
38. Minelvino Francisco Silva	1. A carta de Getúlio 2. A carta de Getúlio [2º. folheto de mesmo título] 3. A chegada de Getúlio Vargas no céu 4. A morte do presidente Getúlio Vargas 5. A palestra de Tancredo com Getúlio Vargas no céu sobre a reforma agrária
39. Moisés Matias de Moura	1. A morte do presidente Vargas o braço do Brasil
40. Paulo Teixeira de Souza	1. Recordação e lembrança do ex-presidente Vargas
41. Pedro Alves da Silva	1. A despedida de Getúlio depois da carta com a chegada no céu e as passagens no fim do mundo
42. Permínio Walter Lório	1. A chegada de Getúlio no céu
43. Raimundo Bezerra de Moura	1. A morte do presidente Getúlio Vargas e a carta que ele deixou para a nação brasileira
44. Raimundo Luiz do Nascimento	1. A carta-testamento de Getúlio Vargas 2. Getúlio Vargas e o Estado Novo Carta-testamento
45. Raimundo de Santa Helena	1. A carta-testamento de Getúlio Vargas
46. Rodolfo Coelho Cavalcante	1. Abc de Getúlio Vargas 2. A chegada de Getúlio no céu 3. A chegada de Getúlio no céu e o seu julgamento 4. O encontro de Castelo Branco com Getúlio Vargas no céu 5. A morte do grande presidente Getúlio Vargas 6. Nascimento, vida, paixão e morte de Getúlio Vargas 7. O último adeus de Getúlio
47. Sebastião José do Nascimento	1. A morte do Dr. Getúlio Vargas
48. Severino Cândido Carolino	1. A morte de Getúlio Vargas

JUSCELINO KUBITSCHKEK

POETAS	OBRAS
1. Apolônio Alves dos Santos	1. Biografia e morte de Juscelino Kubitschek 2. A morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira 3. Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu
2. Carolino Leobas de França Antunes	1. Encontro com Juscelino e o pedido que ele me fez 2. A morte de Juscelino e o pedido que ele me fez
3. Expedito Ferreira da Silva	1. A morte de Juscelino Kubitschek 2. A tragédia e a morte de Juscelino
4. Franklin Vitória de Cerqueira Barreiros Machado	1. O encontro de Juscelino com Tancredo no paraíso
5. João Carneiro	1. Recordação de Juscelino Kubitschek de Oliveira
6. João Fernandes de Oliveira	1. A morte do saudoso Juscelino Kubitschek
7. José Cunha Neto	1. A tragédia do ex-presidente Juscelino Kubitschek
8. José Francisco Soares	1. O encontro de JK com Getúlio Vargas no céu 2. A morte de Juscelino Kubitschek
9. José João dos Santos	1. Vida, tragédia e morte de Juscelino Kubitschek
10. José Job de Souza	1. A vida e a morte de Juscelino Kubitschek
11. José Rodrigues de Oliveira	1. A morte de Juscelino, o ex-chefe da nação
12. José Severino Cristóvão	1. A vida e a morte de Juscelino Kubitschek de Oliveira 2. Biografia de Juscelino Kubitschek de Oliveira
13. Leandro Simões da Costa	1. História da morte de Juscelino Kubitschek
14. Minelvino Francisco Silva	1. A morte do doutor Juscelino e sua chegada no céu
15. Olegário Fernandes da Silva	1. A morte de Juscelino o ex-presidente

TANCREDO NEVES

POETAS	OBRAS
1. Abraão Bezerra Batista	1. A agonia de um povo e a morte de Tancredo Neves 2. A misteriosa carta de Tancredo Neves ao povo brasileiro
2. Adalberto Almeida dos Santos	1. A misteriosa morte do presidente Tancredo
3. Afonso Nunes Vieira	1. A morte de Tancredo Neves
4. Aldemar Sebastião Alves	1. O Brasil lamenta a morte do grande estadista construtor da nova república o presidente (doutor) Tancredo de Almeida Neves
5. Antônio de Moraes	1. A verdadeira história da morte do presidente Doutor Tancredo de Almeida Neves
6. Antônio Joaquim de Oliveira	1. A história da morte de Tancredo e a vitória de Sarney
7. Antônio Lucena	1. A morte cruel do presidente Tancredo
8. Antônio Ribeiro da Conceição	1. Tancredo foi prestar contas no tribunal de Jesus
9. Apolônio Alves dos Santos	1. A morte do presidente Tancredo de Almeida Neves 2. Tancredo envia do céu mensagem a Constituinte
10. Augusto Marcelino Gomes	1. Vida e morte de Tancredo
11. Barrazul	1. Glória e morte de Tancredo
12. Benedita Delazari	1. O amor e a dor de Tancredo Neves
13. Carolino Leobas de França Antunes	1. O pedido que fez o saudoso Tancredo Neves ao presidente José Sarney
14. Celestino Alves	1. Tancredo Neves – uma vida pela democracia
15. Chiquinho & José João	1. Encontro de Tancredo com São Pedro no céu
16. Expedito Ferreira da Silva	1. A morte do presidente Tancredo Neves – a dor que abalou o mundo
17. Expedito Sebastião da Silva	1. O encontro de Tancredo com Tiradentes, no céu
18. Flávio Fernandes Dorico Moreira	1. Vida e morte de Tancredo

POETAS	OBRAS
20. Francisco Barros Alves	1. A morte do Dr. Tancredo e o pranto do povo brasileiro
21. Francisco Maia de Queiroz	1. Vida e morte de Tancredo
22. Francisco Pereira Sobrinho	1. A lamentável morte do presidente Tancredo Neves e a Nova República
23. Francisco Zênio	1. O encontro do presidente Tancredo com Getúlio Vargas
24. Franklin Vitória de Cerqueira Barreiros Machado	1. O Brasil de luto com a morte do presidente Dr. Tancredo A. Neves 2. O encontro de Tancredo com Tiradentes no céu 3. A ressurreição de Tancredo, o nosso presidente eleito
25. Geraldo Amâncio Pereira	1. Vida e morte de Tancredo Neves – pai da República
26. Gonçalo Bezerra de Andrade	1. Eleição, doença e morte do presidente Tancredo Neves
27. Gonçalo Ferreira da Silva	1. Morreu São Tancredo Neves deixando o Brasil de luto
28. Gonçalo Gonçalves Bezerra (Gongon)	1. Campanha, vitória e morte do presidente Tancredo
29. Gonçalves Ferreira da Silva	1. Carta de Tancredo aos constituintes
30. Homero do Rego Barros	1. Tancredo de Almeida Neves – o mártir que não morreu
31. Jackson Barbosa	1. Tancredo bem-vindo ao céu
32. João Batista Ferreira Lima	1. O último adeus ao presidente Tancredo de Almeida Neves
33. João Carneiro Filho	1. Vida, sofrimento e morte de Tancredo Neves e a posse de José Sarney e a vitória da Aliança Liberal
34. João José dos Santos	1. Tancredo: o segundo Tiradentes
35. João Vicente da Silva	1. A morte do Dr. Tancredo Neves e o sentimento do povo brasileiro
36. José Alves Filho	1. A morte de Tancredo Neves abalou toda nação
37. José Augusto de Oliveira	1. Vida e morte de Tancredo enquanto presidente
38. José Bento da Silva	1. A morte do presidente Tancredo Neves
39. José Cunha Neto	1. O Brasil chora a morte de Tancredo Neves

POETAS	OBRAS
40. José Francisco Alves (o poeta repórter)	1. A morte de Tancredo Neves abalou toda nação – o Brasil perdeu Tancredo símbolo de amor e perdão
41. José Francisco Borges	1. O Brasil de luto pela morte de Tancredo
42. José Geovaldo Gondim	1. O sofrimento e a morte do Dr. Tancredo Neves
43. José Neves da Silva	1. O adeus de Tancredo Neves
44. Juvenal Evangelista Santos	1. O mártir Tancredo da Nova República 2. O mártir da Nova República
45. Leôncio Marques	1. Tancredo Neves – sofrimento e morte de um presidente
46. Luiz Gonzaga de Lima	1. O grande encontro de Tancredo e Tiradentes no céu
47. Manoel Alves Barreto	1. A morte de Tancredo e a emoção do povo do Brasil em 1985
48. Manoel Basílio de Lima	1. O Brasil chora por Tancredo
49. Manoel d'Almeida Filho	1. O encontro do presidente Tancredo com o presidente Getúlio Vargas no céu
50. Manoel de Freitas	1. Tancredo – o Brasil chora
51. Manoel Santa Maria	1. A chegada de Tancredo Neves no céu
52. Minelvino Francisco Silva	1. A chegada do presidente Tancredo Neves no céu 2. História da cova de Tancredo Neves e seus milagres 3. A morte e o enterro do presidente Tancredo Neves 4. A palestra de Tancredo com Getúlio Vargas no céu sobre a reforma agrária
53. Olegário Fernandes da Silva	1. A morte do presidente Tancredo Neves
54. Os sobrinhos	1. Tancredo chegou no céu
55. Pedro Bandeira Pereira de Caldas	1. O encontro de Tancredo c/ Pe. Cícero no céu 2. Tancredo Neves – o mártir da República
56. Rosentino Oliveira Soares	1. O saudoso presidente Tancredo Neves
57. de João Pessoa	1. Tancredo: 39 dias de agonia – O calvário de Tancredo
58. Salomão Rovedo	1. Tancredo: 39 dias de agonia
59. Silvino Neves	1. A chegada de Tancredo no céu – Tancredo escreve a Sarney
60. Simplício Novais Filho	1. A morte do presidente Dr. Tancredo Neves

POETAS	OBRAS
61. Souza Queiroz	1. Tancredo não morreu, mataram
62. Stênio Diniz	1. A morte do presidente Tancredo – mártir da Democracia 2. Tancredo, o presidente do povo
63. Valeriano Félix dos Santos	1. Tancredo Neves – um novo Tiradentes
64. Waldomiro Félix Castro	1. A chegada de Tancredo Neves no céu
65. Yonne Rabello Álvares Santana	1. Encontro de Tancredo e Juscelino no céu

CASTELO BRANCO

POETAS	OBRAS
1. Antônio Batista Romão	1. A desastrosa morte de Castelo Branco e seus companheiros
2. Expedito Sebastião da Silva	1. A lamentável morte do ex-presidente marechal Alencar Castelo Branco 2. A lamentável morte do ex-presidente marechal Humberto de Alencar Castelo Branco
3. Fred Jorge Japur	1. Vida e tragédia do presidente Castelo Branco
4. José Francisco Soares	1. A morte do ex-presidente Castelo Branco
5. Manoel Morais	1. A morte de Castelo Branco 2. A vida e trágica morte do ex-presidente marechal Humberto Alencar Castelo Branco
6. Minelvino Francisco Silva	1. A entrada do ex-presidente Castelo Branco no céu
7. Raimundo Barbosa	1. A chegada de Castelo Branco no céu
8. Rodolfo Coelho Cavalcante	1. O encontro de Castelo Branco com Getúlio Vargas no céu 2. A trágica morte do ex-presidente Castelo Branco

JOÃO PESSOA

POETAS	OBRAS
1. Autor desconhecido	1. O assassinato do presidente João Pessoa no dia 26 de julho em Recife 2. A chegada de João Pessoa no céu
2. Antônio de Sousa Coelho (Antonino Guerreiro)	1. A chegada de João Pessoa no céu
3. José Camelo de Melo Rezende	2. O bárbaro assassinato do Presidente João Pessoa
4. Laurindo Gomes Maciel	1. O assassinato do grande Presidente João Pessoa, assassinado covardemente em Recife, na confeitaria Glória, na tarde do sábado de 26 de julho de 1930 2. A chegada de João Pessoa no céu
5. Luiz Nunes Alves	1. A morte de João Pessoa e a revolução de 30
6. Thadeu de Serpa Martins	1. O assassinato do Dr. João Pessoa

COSTA E SILVA

POETAS	OBRAS
1. Erotildes Miranda dos Santos	1. A trágica morte do ex-presidente marechal Artur da Costa e Silva
2. Minelvino Francisco Silva	1. A morte do ex-presidente marechal Artur da Costa e Silva

OUTROS

POETAS	OBRAS
1. Abraão Bezerra Batista	1. Debate da Arena com o MDB antes de morrer
2. Apolônio Alves dos Santos	1. O trágico desastre que causou a morte do deputado Ulysses Guimarães
3. Arnaldo Cipriano de Souza	1. A nação chora sentindo a falta do presidente
4. Augusto de Souza Lima	1. A morte do saudoso deputado estadual Pedro 2. Almeida Valadares de Simão Dias – Estado de Sergipe
5. Minelvino Francisco Silva	1. A morte do saudoso prefeito de Itabuna senhor José de Almeida Alcântara
6. Olegário Fernandes da Silva	1. A morte de Alcides Teixeira, o deputado das vovozinhas
7. Otavio Menezes	1. A pranteada morte do senador Virgílio Távora
8. Raimundo Bezerra de Moura	1. A morte do senador João Câmara
9. Romano Elias da Paz	1. A morte do interventor Anthenor Navarro – seu trágico falecimento na Bahia, no desastre do avião Savóia, no dia 26 de abril

Notas

* Um estudo mais detalhado da visão dos poetas populares sobre os políticos nacionais, no que diz respeito à representação que constroem destes quando de suas mortes, foi realizado em: LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: a morte na literatura de cordel*. 2003. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP. Ver capítulo: “No plano de cima, como no plano de baixo: os políticos”.

** Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande e doutora em história social pela USP, tendo publicado os livros: LIMA, Marinalva V. *Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada*. Fortaleza, Edições UFC, 2000; LIMA, M. V. e MARQUES, R. (orgs.). *Estudos regionais: limites e possibilidades*. Crato, Ceres Editora, 2004. Atualmente, é membro do Núcleo de Estudos Regionais da Urca; coordenadora das especializações: Estudos Clássicos (cultura greco-romana) e História do Brasil-Turma III; e presidente do Sindurca – Sessão Sindical do Andes Nacional.

*** Professora e coordenadora do curso de história da Urca e mestre em ciências políticas pela UFPE, tendo defendido a dissertação *As práticas políticas dos industriais pernambucanos no governo Médici* (1997). É de sua autoria: “A teoria contratualista de Hobbes e o exercício autoritário do poder no Brasil pós-64”. In: Anais do II Encontro das Ciências Sociais, 7-11 nov. 1994, Recife, UFPE; Uma leitura de Marx através da escolha racional: *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. *Política Hoje*. Recife, Universitária, v. 2, ano 2, n. 4, jul./dez. 1995.

¹ SOARES, José F. *A morte do ex-presidente Castelo Branco*. S.n.t., p. 1, estrofes: 1-4; p. 2, estrofe: 4; p. 3, estrofes 2-4, respectivamente.

² José Francisco Soares, de acordo com ALMEIDA, Átila; ALVES, José. *Dicionário biobibliográfico de poetas populares*. 2 ed., Campina Grande, UFPB/Campus II, 1990 (v. 2: Biografias), p. 491, “Poeta de bancada nascido em Campina Grande a 5.1.1974 e falecido no Recife em 1980, residindo em Recife, (...) editava seus próprios folhetos, quase todos de época, quer dizer, tendo para temas acontecimentos do dia. Em razão dessa característica, ele mesmo se intitulava poeta-repórter. Seu senso de oportunidade toca as raízes do inacreditável. Por exemplo, se Roberto Carlos tivesse morrido antes dele, vinte e quatro horas depois, sua vida, versada, estaria sendo contada num folheto de oito páginas. É que (...) tinha praticamente escrita a vida de cada pessoa muito conhecida. Só as duas estrofes finais ficavam em branco reservadas para a ‘causa mortis’, como ele dizia. Morto o figurão, ele acrescentaria a ‘causa mortis’ e imprimia”.

³ Utilizamos, aqui, a idéia de isotimia no sentido de promoção de igualdade ou equivalência, seguindo a perspectiva com que Jacyntho Lyns Brandão a emprega quando de sua análise sobre a obra *Diálogos dos mortos*, de Luciano de Samósata. Ver comentário de abertura da tradução feita por Maria Celeste Consolin Dezotti, publicada pela Hucitec, 1996.

⁴ Ver: LIMA, op. cit., em especial o capítulo “No plano de cima, como no plano de baixo: os políticos”.

⁵ Id., p. 23.

⁶ Acerca de Expedito Sebastião da Silva, ver: ALMEIDA; ALVES, op. cit., pp. 443-4; KUNZ, Martine. *Expedito Sebastião da Silva*. São Paulo, Hedra, 2000 (Coleção Cordel). Em termos gerais e de forma sucinta, eles colocam: “poeta de bancada, nascido em Juazeiro do Norte-CE a 20.1.1928, tipógrafo e ex-gerente da Tipografia São Francisco, de Juazeiro. Por volta de 1945, começou a trabalhar, como aprendiz de tipógrafo para José Bernardo da Silva. Em 1948, publicou seu primeiro folheto (...). Até o presente [1990], publicou mais de 100 obras. Sua vida é muito parecida com a de Delarme [Monteiro] que muito jovem começou a trabalhar para João Martins de Athayde na tipografia de quem publicou o primeiro trabalho e foi gerente. Expedito continuou a trabalhar na Tipografia São Francisco, mesmo depois de tornar-se propriedade das filhas do falecido José Bernardo”. Em 1994, entrevistamo-lo, quando a Tipografia já estava sob poder do governo do estado do Ceará, então denominada Lira Nordeste. Nesta época, Expedito ocupava o cargo de gerente. Na entrevista, falava da necessidade de respeitar as normas de escrita do cordel, lamentando o uso que os novos poetas faziam dele. Gostava de ser procurado pelos pesquisadores e se mostrava bastante interessado em falar dos mais distintos aspectos de sua vida, obra, relação com outros poetas e com o universo da produção na tipografia. Lamentava que os novos poetas, de formação universitária, descuidassem dos elementos de base do folheto – rima, métrica, oração –, chegando a fazer severas críticas às obras de poetas da região que assim procediam. Em suas palavras, fazer poesia “não é como se quer não, é como é”.

⁷ SILVA, Expedito Sebastião. *A lamentável morte do ex-presidente Castelo Branco*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco, de propriedade de José Bernardo da Silva, s/d.

⁸ Id., *ibid.*, p. 1, estrofe 1; p. 4, estrofe 4; p. 6, estrofe 1; p. 7, estrofe 2, respectivamente.

⁹ Id., *ibid.*, p. 4, estrofe 1.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 2, estrofe 2.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 3, estrofe 1, versos 1-4.

¹² PEREIRA NETO, André de Faria. *O Estado de S. Paulo e a deposição do presidente Goulart (1964): um estudo sobre as peculiaridades do liberalismo no Brasil*. *Revista de História Regional*, v. 4, n. 2, p. 14, inverno de 1999. Disponível em: <http://www.rhr.uepg.br>.

¹³ Ver: HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

¹⁴ SOARES, op. cit., p. 5, estrofes 1-3.

¹⁵ SILVA, op. cit., p. 1, estrofe 2.

¹⁶ SOARES, op. cit., pp. 4-5.

¹⁷ SILVA, op. cit., pp. 2-3.

¹⁸ PEREIRA NETO, op. cit., p. 14.

¹⁹ SILVA, op. cit., p. 2, estrofe 4.

²⁰ SOARES, op. cit., p. 4, estrofe 3, versos 5-6.

²¹ Id., *ibid.*, p. 6, estrofe 1.

²² PRZEWORSKI, Adam. Ama a incerteza e serás democrático. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 9, pp. 36-46, jul. 1984.

²³ Id., *ibid.*, p. 36.

²⁴ COMBLIN, Joseph. *A ideologia da segurança nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

²⁵ Id., *ibid.*

²⁶ De acordo com o pensamento de Hobbes, “Tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, o mesmo é válido também para o tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e invenção”. Ver HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria: forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, Abril, 1974, pp. 79-80.

²⁷ COMBLIN, op. cit., p. 10.

²⁸ Id., *ibid.*, p. 48.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 140.

³⁰ HOBBS, op. cit., p. 110.

³¹ Id., *ibid.*, p. 86.

³² No comício das reformas em 13 de março de 1964, Jango discursou inflamadamente para 150 mil pessoas reunidas diante do Ministério da Guerra. A seu lado, no palanque, as principais lideranças esquerdistas da época. Sobre esta questão, ver: COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 267.

³³ Em 30 de março de 1964, no Automóvel Club do Brasil, no Rio de Janeiro, Jango discursou para os sargentos: “Não admitirei o golpe dos reacionários. O golpe que nós desejamos é o golpe das reformas de base, tão necessárias ao nosso país”. Cf.: COUTO, op. cit., p. 267.

³⁴ “A Operação Brother Sam, discretamente deflagrada nos Estados Unidos no final de março de 1964, consistia em apoio logístico ao golpe. Inclusive um porta-aviões – o Forrestal –, seis destróieres, quatro petroleiros, navio para transporte de helicópteros, esquadrilha de aviões de caça. Cerca de cem toneladas de armas leves e munições foram reunidas numa base militar de Nova Jersey para serem trazidas de avião... Como não houve resistência a *Brother Sam* foi suspensa”. COUTO, op. cit., pp. 25-6.

³⁵ SILVA, op. cit., p. 1, estrofe 3.

³⁶ “É a ‘linha-dura’, direita da direita militar, cuja disputa com os moderados vai permear todo o longo ciclo autoritário”. COUTO, op. cit., p. 63.

³⁷ SOARES, op. cit., p. 5, estrofe 4.

³⁸ PEREIRA NETO, op. cit., p. 8.

³⁹ PRZEWORSKI, op. cit.

⁴⁰ SOARES, op. cit., p. 6, estrofe 4; p. 7, estrofes 1-3.

⁴¹ SANTOS, Apolônio Alves. *Palestra de JK com Getúlio Vargas no céu*. Guarabira, Tipografia Pontes, s/d.

⁴² Id., ibid., p. 2, estrofes 2-4, respectivamente.

⁴³ SOARES, José Francisco. *O encontro de JK com Getúlio Vargas no céu*. Recife, s.n.t., 28/8/1976.

⁴⁴ Id., ibid., p. 3, estrofes 1-4, respectivamente.

⁴⁵ GOMES, Ângela de Castro. “A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado”. In: SCHWARTZ, Lília Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v. 4, p. 540.

⁴⁶ Ver quadro de autores e obras ao final do texto.

⁴⁷ Mesmo os títulos de alguns folhetos, que podem ser consultados através do quadro no final do texto, sugerem esta idéia.

⁴⁸ ALMEIDA; ALVES, op. cit., v. 3.

⁴⁹ Acervos em que pesquisamos: PPLP (Programa Permanente de Literatura Popular da Universidade Federal de Campina Grande – Campus I - João Pessoa-PB), Laell (Laboratório de Estudos Lingüísticos e Literários da Universidade Federal da Paraíba – Campus II – Campina Grande-PB), Behetçoro (Núcleo de Cultura Popular da Universidade Regional do Cariri – Urca – Crato-CE), FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro-RJ) e acervo próprio.

⁵⁰ SILVA, op. cit., p. 8, estrofe 3.

⁵¹ Quadro construído a partir da pesquisa nos acervos Laell – Laboratório de Estudos Lingüísticos e Literários da UFCG; PPLP – Programa Permanente de Literatura Popular da UFPB (PB); Beretçoho – Núcleo de Literatura popular da Urca (Universidade Regional do Cariri-CE); do acervo próprio e da consulta a ALMEIDA; ALVES, op. cit., v. 3. Ressaltamos que, na formulação do quadro, nosso interesse esteve voltado para os folhetos que trataram da morte dos políticos ou de questões relacionadas ao pós-morte.